

***Somos nascidos da terra*¹: imagens, palavras e caminhos com os Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakerey) Yvy Katu**

We are born from the earth: images, words and ways with the Avá Guarani / Ñandeva of Porto Lindo (Jakerey) Yvy Katu

Yan Leite Chaparro²
Josemar de Campos Maciel²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v19i38.622>

Resumo: O que segue é uma conversa entre imagens (cartazes) e escritos produzidos durante uma pesquisa de doutorado em Desenvolvimento Local intitulada *Este é nosso corpo a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva* para além do fim do mundo, cujo objetivo central é pensar a questão do desenvolvimento com os Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakerey) Yvy Katu. Uma sociedade que enfrenta há tempos um longo processo de retomada de seus territórios de direito, e que atravessa e inverte cotidianamente a invenção branca de desenvolvimento, protagonizou o sequestro de seus territórios a partir de projetos e planos. São apresentados cartazes, que adotam a intencionalidade política e informativa dos cartazes, e contextualizam os caminhos que foram possíveis trilhar com os Avá Guarani/Ñandeva. Assumimos a responsabilidade de caminhar ao lado desses guardiães, trançando uma aliança de amizade e trabalho no objetivo de escutar as palavras Guarani, guardadas sobre as questões do desenvolvimento. É um produto iconográfico que traz para os olhos uma experiência de imagens, palavras e caminhos, que traduzem um itinerário metodológico sensível, ou seja, a busca de construção iconográfica de posições de escuta das palavras guardadas dos Guarani.

Palavras-chave: os Avá Guarani/Ñandeva; Porto Lindo (Jakerey) Yvy Katu, cartazes; palavras; caminhos.

¹ Os Avá Guarani/Ñandeva se apresentam como “Guardiães das palavras” (Eliezer Martins). As palavras guardadas que se encontram a seguir, estão em itálico. Esse formato foi escolhido com o objetivo de respeitar a autoria, sem perder a fluidez. As palavras foram ouvidas e colhidas durante os anos de pesquisa de campo (2016 a 2019). Todo o processo foi construído com a mediação e participação ativa do pesquisador Avá Guarani/Ñandeva Eliezer Martins.

² Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Abstract: What follows is a conversation between images (posters) and writings produced during a PhD research in Local Development entitled “This is our body the earth: paths and words Avá Guarani/Ñandeva beyond the end of the world. Ita main objective is to rethink the issue of development with the Avá Guarani/Ñandeva of Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, from a shared point of view. A society that has long faced a long process of resumption of its legal territories, and that crosses and inverts daily the so expensive myth of the white invention of development, that same, that from projects and plans hijacked their territories. So, they are posters that adopt the political and informative intentionality that the poster possesses, and are written that contextualize the paths that were possible to tread with the Avá Guarani/Ñandeva that assumes the responsibility to walk to the side, like an alliance of friendship and work, made up of the goal of always listening to the Guarani’s words about development issues. An iconographic product that seeks to present for those who read, a possible experience between images, words and paths, which is, above all, a sensitive methodological intention that seeks to listen to the Guarani words saved.

Keywords: the Avá Guarani/Ñandeva; Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, posters; words; ways.

NOTA INTRODUTÓRIA

As imagens que seguem são parte de uma pesquisa de doutorado. Nada mais comum que esse enunciado, por si já óbvio. Acontece que elas guardam uma distinção, que é a de serem parte ativa da construção metodológica do trabalho.

De 2016 a 2019 foi sendo construído um caminho de fato e também metafórico, em que tentamos ouvir as palavras de sábios Guarani e construir, junto com as falas deles, um tecido que mais apontasse que definisse em sentido estrito a sua concepção acerca do desenvolvimento. Eles foram generosos e entregaram mais que uma representação do desenvolvimento como veio sendo refletido e transmitido por estrangeiros. Ao invés, resignificaram a proposta e reescreveram toda a tese do seu jeito, apresentando, ao invés de uma visão de desenvolvimento, um desejo sustentado de envolvimento, narrativas de resistência e muitas estratégias de amansamento e pacificação de invasores que foram sendo trazidos para junto, foram sendo conquistados com as suas lógicas e com a sua admirável estratégia ancestral.

Por isso usamos o termo “cartazes”. Foram mais que fotos, ou imagens, na dinâmica do trabalho. Foram mediações políticas para que as nossas represen-

tações de mundo e de história fossem se encontrando e aos poucos fizessem sentido. Assim, disponibilizados, esses artefatos que são, realmente, fotografias, mas que refletem um caminho construído aos poucos, em andanças, conversas, convivência. Por isso, podem apontar para uma visão e para uma fala Guarani.

Nós, os Guarani, temos as palavras guardadas, explica Eliezer Martins, pesquisador Avá Guarani/Ñandeva que vive no território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu. Essas palavras resumem concepções de mundo e de ideais de vida que se encontraram e desencontraram ao longo do caminho histórico dos Guarani. Elas descortinam um admirável caminho social, cosmológico, territorial, cosmopolítico e histórico. A ancestralidade Guarani desnuda e inverte dilemas gravosos, relativos ao desenvolvimento, tanto para sociedade dos Guarani, quanto para a sociedade que os rodeia. Essas palavras acontecem no limite da escuta, sustentando cada cartaz que segue. Porque para um Guarani, *parece que eles pensam de cabeça para baixo*. O modo de vida branco (teko), ao se relacionar com a terra, a água, a mata, o ar e os animais, ou melhor, a vida, não faz muito sentido para uma sociedade que não sabe de monoculturas nem de violência institucional. Por isso foi preciso fotografar. Desenhar pontes. Construir cartazes.



Autor: Yan Leite Chaparro

Título: O grande território Avá Guarani/Ñandeva

Local: Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Data: 2018

O território Avá GuaraniÑandeva já abrigou uma grande extensão, comparado com o atual. O desenho cravado no chão pelo rezador Sabino Dias, descreve um território traçado desde os portos do rio Iguatemi da época da Cia Matte Laranjeira até o rio Paraná, ao lado da cidade Salto del Guairá, no Paraguai.

Mas aqui, território diz mais que posse. *Presta atenção, este é o nosso corpo a terra*, explica o rezador Cantalicio Godoi, falando sobre a importância da terra, da água e daquilo que faz vida para os Guarani. Pois *somos nascidos da terra*, complementa. O território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, que se encontra no sul do Mato Grosso do Sul, entre as cidades de Iguatemi, MS, e Japorã, MS, na fronteira com o Paraguai, diz e também é palavra, pois o corpo é a terra, e a terra é o corpo.



Autor: Yan Leite Chaparro

Título: O caminho entre roças

Local: Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Data: 2018

Entre as roças existe outro caminho de vida e significado. Existe a convivência com formas de vida vegetais que inspiram a construção de sentidos e de saúde.

Cantalicio Godoi tecia suas palavras sobre os cuidados com as plantas. Ao mesmo tempo, ele ensinava um raro remédio para as pessoas que possuem

problemas no coração. Um remédio composto com ervas plantadas, guardadas e resgatadas pelos caminhos, com técnicas sofisticadas de escuta. A cruz assinala o local para usar a raiz do Cedro, mesma árvore usada na construção dos objetos para o batismo das crianças, como explicou Eliezer Martins. Mas hoje – lamenta-se - quase não existe o mato, só os fragmentos no interior do território Avá Guarani/Ñandeva. O Cedro, Cantalicio Godoi plantou perto da sua casa, dentro de um espaço reservado às *plantas de remédio*. O olho percorre triste a circunferência do território, em que já não existe mato.



Autor: Yan Leite Chaparro
Título: Meu Mato Grosso do Sul
Local: Amambai, MS
Data: 2012

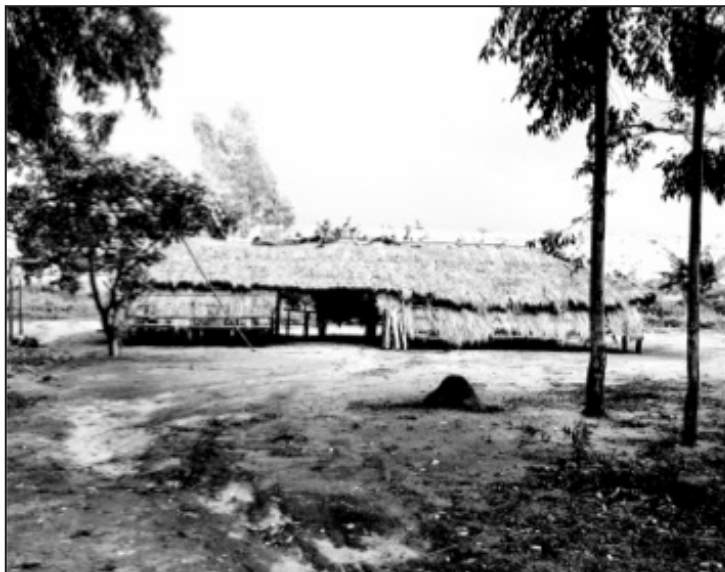
A paisagem durante quase todos os quinhentos e quarenta quilômetros, que corta o trajeto de Campo Grande, MS, até a cidade de Iguatemi, MS, antes de atravessar a ponte, repercute na imagem acima. É uma paisagem na qual o mato foi invadido por uma espécie de deserto verde. Os Guarani assinalam, na materialidade do deserto, a construção de suas subjetividades espremida em um

processo histórico rasgado pela expulsão, espoliação e confinamento (BRAND, 1997; MURA, 2002; MARTINS, 2006; LANDA, 2005; COLMAN, 2007; 2015).

Cantalício Godoi (2017) afirma que

[...] a água é muito importante para nós. Para que vivemos, não só para os indígenas, para todo o mundo. A água é como a nossa mãe [...] Não podemos viver sem a água, nós falamos que desmamamos, mas não da água. [...] E o vento, olha bem, por causa do vento o nosso corpo caminha. [...] Isso não pode estar contaminado. Os brancos usam veneno e isso vai pelo vento, eles usam avião. [...] Para nós, a terra esta assim, a madeira esta cheia de cupim, já esta comendo tudo por cupim. [...] Os não-indígenas não podem continuar porque só sabem fazer com papel e por isso o nosso canto é o que brilha o relâmpago. [...] O que é nosso é o que é de verdade, que é da terra, e é isso que temos que escutar isso não tem em nenhum lugar. Em nenhum papel. [...] O que é nosso é o mesmo que o relâmpago dos Tupã, é nosso e é deles. [...] Lembre-se de mim; depois vai vir vento forte, vai tirar do chão as casas dos brancos [...] Quer dizer que eles querem ser mais inteligentes que o nosso Deus, que o nosso criador. Eles querem ser mais inteligentes. Nosso Deus manda granizo, mostra o que ele é para os brancos; eles aparentemente não têm pressa porque suas casas são bonitas. Aparentemente. Mas para o nosso Criador isso não é nada, e por isso que manda o raio e as inundações. Os carros ficam todos no chão. Para ver se eles compreendem. Esse canto é quando vem um vento forte. Quando a gente ergue a cabeça eles já nos enxergam, porque nós não nos escondemos deles, nem um pouquinho. Com aquele espelho grande ele nós vê a todos. Por isso que nós rezamos, dançamos, cantamos. Os deuses nos respeitam porque as coisas deles nós levantamos para eles.

Seu Cantalício, ao mesmo tempo que pronuncia suas palavras sobre os Avá Guarani/Ñandeva, também lembra os brancos, como um homem que profetiza as consequências das práticas que tiraram o mato, a água, o ar, os animais e os espíritos dos territórios Avá Guarani/Ñandeva. Pois o território Avá Guarani/Ñandeva apresentado aqui, já foi palco de interferências de projetos e planos de desenvolvimento, como a Guerra da Tríplice Aliança, a Cia Matte Laranjeira, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, e hoje é o agronegócio que faz cujo nome do desenvolvimento, ou mesmo, uma invenção branca de desenvolvimento que faz como objetivo central, o embotamento da biodiversidade e a homogeneização da vida. Por isso Tupã vai mandar granizo, inundação e levantar as casas com o vento. Quem sabe assim o branco desconfia.



Autor: Yan Leite Chaparro

Título: Para além do fim do mundo

Local: Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Data: 2018

Para Cantalicio Godoi, a terra está sendo devorada por cupim. Dos quatro lados do mundo, o cupim esta corroendo a terra. E o mundo só pode ser salvo pelas coisas dos deuses, custodiadas pelos os Avá Guarani/Ñandeva. Apenas eles são *nascidos da terra*. Eles mesmos que, mesmo recebendo, repetidamente, os ataques da sociedade envolvente, são capazes de salvar o mundo. Pois eles são os Últimos Homens, na expressão de Pierre Clastres (2012). O desenvolvimento é visto por eles como confinamento, agressão, diminuição das riquezas com as quais o homem dialoga. Como o fim do mundo. Mas há um caminho para além do fim do mundo, e é a beleza, a sensibilidade, é o caminho que está nas palavras guardadas, nos sentidos ancestrais.

Por isso a exigência imperiosa e a necessidade premente de ouvir as palavras Guarani sobre o desenvolvimento, porque eles as custodiam para todos os seres humanos. Eles se veem como possuidores de chaves para ensinar a sociedade dos projetos de desenvolvimento, e como capazes de inverter a crença em uma lógica de destruição e esgotamento, vendida quase como uma religião motivacional

(RIST, 2012). Uma lógica que tem o terror como poética e objetivo maior, condicionando o fim pelo fim (TAUSSIG, 1993). Nosso desafio, o dos brancos, não é o de pensar lógicas alternativas de desenvolvimento dentro das terras e sociedades indígenas. Muito além disso, é aprender, apropriarmos-nos de organizações sócio cosmológicas e cosmopolíticas, para repensar possíveis agendas do desenvolvimento no Brasil, e no mundo afora. As palavras daqui, são palavras dos primeiros moradores, e merecem respeito e escuta articuladas. Quase reverenciais, como a imagem tenta ser.



Autor: Yan Leite Chaparro

Título: Donos da terra

Local: Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Data: 2017

Sabino Dias lembra que *A gente nunca saiu do nosso território*. Os pés adornados por calçados leves circulam e criam redes. Ativam conexões, alianças, sabedorias.

Os Guarani (que são muitas famílias, como os Avá Guarani/Ñandeva e os Kaiowá/Pai`Tavyterã) nunca estiveram longe, sempre estiveram perto. Mesmo que tenham sido conhecidos ou descritos como trabalhadores, assimilados pelos brancos nas suas fazendas, em contextos rurais. Nunca tiveram longe, sempre estiveram ao lado de toda a construção de um mundo novo e cheio de contradições, fazendo suas empreitadas. Circulando dentro dos seus territórios.



Autor: Yan Leite Chaparro
Título: Empreitada
Local: Tacuru, MS
Data: 2018

Cantalicio Godoi afirma que [...] *tem luz no nosso caminho, na nossa vida*. Sim, é um caminho de luta pela sobrevivência em sentido pleno. Uma luta que atravessa séculos (MELIÀ; GRÜNGERG; GRÜNBERG, 2008). E o caminho é iluminado, porquanto atravessado por rezas, cantos, danças, lágrimas e sorrisos, por significado e por invenção. O caminho aparece, quase como uma melodia, quando Sabino Dias pronuncia suas palavras. *Esse nosso pai e nossa mãe, já morreu tudo, então a gente está nessa terra outra vez. Mas, só que a gente tinha alegria antigamente, com o nosso pai e nossa mãe. E agora ficamos entristecidos porque nosso pai e nossa mãe não existem mais. Mas, mesmo assim, a gente está seguindo*. Canta como reza Sabino Dias.

Ouvir as palavras guardadas dos Avá Guarani/Ñandeva faz nascer um pássaro no coração dos escutadores. E é na escuta que se torna possível encontrar a sintonia com o pensamento Guarani, buscando, dia após dia, produzir um caminho junto com essa bela sociedade, que continua seguindo, lutando e existindo. Este fenômeno, o da aliança humana, da escuta hospitaleira e do caminho cuidadoso, inverte e desconstrói mitos e narrativas fáceis ligadas à desqualificação do outro,

ligadas à invenção branca de desenvolvimento, essa que aos poucos toma coragem de pronunciar, ao crepúsculo, a pergunta: há um mundo por vir? (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017).



Autor: Yan Leite Chaparro

Título: Donos do fogo

Local: Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Data: 2018

A nossa última imagem retoma os primórdios da espécie humana. Na domesticação do fogo nasceu o espaço do lar, o espaço doméstico. Não é raro encontrar dentro das casas Guarani o fogo que aquece e facilita os encontros. No domínio da técnica de fazer o fogo, nasceu, também, a tecnologia do “Homo Sapiens”. Essa tecnologia que pode muito bem voltar a conversar, mais intensamente, com a sabedoria ancestral dessas pessoas que conseguem ser, ao mesmo tempo, pensadores, agricultores, cultivadores de remédios, rezadores que batizam as suas colheitas, e poetas do envolvimento.

REFERÊNCIAS

BRAND, Antonio J. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. 1997. 382f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 1997.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Tradução de Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2012

COLMAN, R. *Guarani retã e a mobilidade espacial Guarani: belas caminhadas e processos de expulsão no território Guarani*. 2015. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 2015.

COLMAN, Rosa. *Território e sustentabilidade: os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu*. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2007.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há um mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Desterro, 2017.

LANDA, Beatriz. *Os Ñandeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Porto Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, 2005.

MARTINS, Eliezer. A terra como chão sagrado e o valor cultural. *Revista Tellus*, Campo Grande, MS, ano 6, n. 10, p. 143-5, abr. 2006.

MELIÀ, Bartomeu; GRÜNBERG, Georg; GRÜNBERG, Friedl Von. *Los PaĩTavyterã: etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo*. Asunción: CEPAG, 2008.

MURA, Fábio. (Coord. do GT); ALMEIDA, Rubem F. T. *Relatório antropológico de revisão de limites da T.I. Porto Lindo (Jakarey): Terra Indígena YVY KATU*. Portaria n. 724/PRES, 2002.

RIST, Gilbert. *El desarrollo: historia de una creencia occidental*. Madrid: Catarata, 2012.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Sobre os autores:

Yan Leite Chaparro: Psicólogo. Pesquisador, doutor e mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Críticos do Desenvolvimento/CNPq, do Laboratório de Humanidades (Labuh) e do Grupo de Estudos Filosofia Ameríndias (OuVir). **E-mail:** yanchaparro@gmail.com

Josemar de Campos Maciel: Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). **E-mail:** maciel50334@yahoo.com.br

Recebido em 20 de dezembro 2018

Aceito em 22 de fevereiro de 2019